

AS MARCAS DO PROFESSOR NA FORMAÇÃO DO ALUNO

Cláudia Santana Santos

Universidade Federal de Sergipe – claudia.santana@live.com

Rosana Carla do Nascimento Givigi

Universidade Federal de Sergipe – rosanagivigi@uol.com.br

Introdução

Pela abordagem histórico dialética o desenvolvimento infantil é cultural e acontece por comportamento culturais. Assim cada criança se singulariza, formada pelo significado cultural dado pelo outro a seus comportamento e ações desta forma, ela assimila uma cultura e se insere no meio social. Para Vigotsky, trata-se de relações nas quais os sujeitos são ativos e constantemente se (re)constroem. (PINO, 2005)

Para Honorato e Gebara (2012) isso consiste na construção da personalidade, para tanto, constrói-se um sujeito social e singular, segundo Pino (2005, p. 268), a partir da mediação dada pelo outro, o meio vai dando as “marcas do humano”. Nessa perspectiva, este trabalho se propõe a refletir sobre as marcas deixadas pelo professor na formação de seus alunos já na educação infantil, acreditando na formação do homem como um processo constante.

Metodologia

Este trabalho faz parte de uma pesquisa de mestrado em andamento, do programa de pós-graduação em educação da Universidade Federal de Sergipe, aprovado pelo comitê de ética e pesquisa com CAAE 60458716.0.0000.5546 e parecer 1.807.679. Foram selecionados dois episódios do banco de dados construído por gravações, colhidas durante observação participante, que até o momento soma oito (8) observações em sala de aula, de uma escola municipal do interior de Sergipe, contando como participantes da pesquisa a professora J. e seus vinte e cinco (25) alunos da educação infantil. Os recortes de fala presentes no texto foram obtidos através de transcrição dos registros, transcritos em ortografia regular e dispostas em tabela para posterior análise qualitativa dos dados. As falas foram direcionadas através das iniciais de cada nome dos envolvidos no episódio. Trata-se de um estudo de caso único, do tipo observacional explicativo, que se propõe a uma análise qualitativa a luz da ideia de cultura proposta por Vigotsky. Todos os participantes foram esclarecidos quanto a pesquisa e realizaram autorização previa da divulgação dos dados.

Resultados e Discussão

J. é formada há 20 anos, mas sua experiência na educação infantil resume-se ao segundo ano, trabalha na sua cidade de origem, o que não diferencia em termos significativos as culturas e costumes de seus alunos. Contudo, a realidade de sua sala de aula é múltipla, ensinando a alunos advindos de várias localidades do município, com diferentes costumes, hábitos e perspectivas, exigindo de J. uma constante resignificação. É comum em sua prática a represália quanto a forma de escrever, exigindo sempre o uso da borracha, além de jargões comuns, como veremos nos termos destacados abaixo:

“(Jo. (aluno) se encontrava em minha carteira, havia o chamado para ajudar a fazer suas atividades, é quando vê o caderno de Mt, que estava ao meu lado, e diz))

*Que do-, que **doidice** é essa? ((referindo-se ao dever de seu colega)) é gande, **ta gande demais** ((levando Mt a pedir que apagasse tal ação é feita de forma rotineira por J, inclusive com uso dessas palavra “doidice, maluquice”, solicitando que todos apaguem produções quando ela julga não está boa))*

*Mt: **Ei tia, apague** /.../*

*Jo: **Ele fez gande, ói, fez gande**” (15/05/17: Diário de Campo e Transcrições)*

As palavras destacadas referem-se a termos comuns utilizadas por J. em sala que aos poucos são assimilados pelos alunos que empregam em situações contextuais, nesse momento para chamar a atenção de seu colega. A represália a seu colega nos mostra a marca de J. em seu aluno, nos fazendo compreender esse processo de significação, como defendido na perspectiva de Vigotsky e bem explanado por Pino (2005), o quanto determinadas ações e comportamentos lapidam os sujeitos imersos nas relações e os modificam intrinsecamente, fazendo-o adotar outras condutas.

Possa ser que Jo nunca tenha sido reprimido por sua produção, mas na rotina, ao presenciar esse termo de sua professora com seus colegas consegue compreender os erros e evita-los. Ele nos mostra que as letras estão grandes demais e consiste em uma produção julgada por Jo como errada, aprendido na prática diária com J. que exige que a produção seja feita na linha; com um tamanho relativo e quando errada deve ser refeito. Tudo isso só potencializa as significações construídas nas relações diárias, inclusive em sala de aula, como relatado por Monteiro e Freitas (2014), que auxiliam na percepção histórica e cultural sobre o que é certo e errado, gradativamente formando a percepção do sujeito.

Aos poucos, os termos utilizados por J. vão sendo empregados em sala, de forma natural, como bem defendido pela concepção de Vigotskyniana, são assimilados, internalizados e entram em processo de conversão. Desta forma, os sujeitos vão se configurando através das

significações dadas nas relações. Reforçamos, portanto as dúvidas de Martínez e Ahumada (2016), sobre o quanto da subjetividade e singularidade do professor afeta a formação discente, trazendo a reflexão de Pino (2010), quando reforça a necessidade dos educadores em entender a importância do meio para o desenvolvimento infantil, acreditando ser nas práticas diárias que acontece a apropriação de conhecimentos.

*“Percebi um movimento anormal dos alunos, foi quando fui informada que que a atividade de um dos alunos havia voado, fui até ele e pedi fosse até J. pegar outra atividade, ou então pedisse para sair e pegar a sua, alternativas essas rejeitadas por J.C, que sem saber o que fazer, olhava para J. levantava e sentava novamente, o que se repetiu algumas vezes, como se imaginasse ou previsse a xinga. Olhava para J.C e era evidente que não sabia o que fazer, até que eu me distraio, ele percebe que J. está corrigindo as atividades e consegue sair, pegar sua folha e voltar sem que seja visto.”
(15/05/17: Diário de Campo)*

Não trata-se apenas da apropriação de um vocabulário, trata-se de marcar os alunos de diferentes formas pela singularidade de cada sujeito. Nesse momento, devido ao comportamento de J., J.C já previa um comportamento negativo para com ele e para evitar buscou diferentes recursos, talvez seja medo, talvez seja preferência pelo silêncio, ou ambos.

Conclusão

Como pode-se observar as marcas são deixadas em vários âmbitos, e da mesma forma leva a sinais de expressão e correção, determinadas condutas do professor podem gerar marcas mais intrínsecas, culminando no silêncio e no medo de seus alunos. Desta forma, propomos uma reconsideração das práticas, partindo da premissa de que as relações contribuem na construção da personalidade, e da mesma forma que podemos contribuir positivamente para o desenvolvimento podemos causar grandes malefícios.

Palavras-Chave: Educação infantil; Professor; Singularização.

Referências:

- HONORATO, T; GEBARA, A. Convergências entre a teoria de Lev Semionovich Vigotsky e de Norbert Elias. In: **Estudos de Psicologia**, v.29, n.1, p. 127-134, jan./março. 2012.
- MARTÍNEZ, D.J.C; AHUMADA, J.R.C. Teorías subjetivas en profesores y su formación profesional. **Rev. Bras. De Educação**, v.21, n.65, p. 299-324, abr./jun. 2016.
- MONTEIRO, M.I.B; FREITAS, A.P. Processos de significação na elaboração de conhecimentos de alunos com necessidades educacionais especiais. **Educ. Pesqui.**, v.40, n.01, p. 95-107, jan./mar. 2014.
- PINO, A. A criança e seu meio: contribuições de Vigotski ao desenvolvimento da criança e à sua educação. **Psicologia USP**, v.21, n.4, p. 741-756. 2010.
- PINO, A. **As marcas do humano:** Às origens da constituição cultural da criança na perspectiva de Lev S. Vigotski. São Paulo: Cortez, 2005. 303p.